

O hibridismo na obra *Selva trágica*, de Hernâni Donato

The hybridism in the book *Selva trágica*, by Hernâni Donato

Avelino Ribeiro SOARES Jr*
UFGD

* Mestre em Letras pela
Universidade Federal
da Grande Dourados.
E-mail: avelinolettras@
gmail.com

Resumo: Este artigo se propõe a analisar o caráter híbrido da narrativa *Selva Trágica* ([1956] 2011), do escritor e também historiador Hernâni Donato. Para tanto, iremos nos valer de um aporte teórico capaz de dialogar com as questões levantadas pelo objeto de nossa análise, ou seja, uma bibliografia que contemple a discussão acerca do *locus* descrito na obra de Donato, como também sua natureza fronteira muito presente e exposta ao longo de suas páginas. Demonstraremos através de exemplos extraídos da própria narrativa, como se compunha a mescla linguística fruto da junção entre português, espanhol e também o guarani que se faz presente em toda a obra. Desta forma, a escolha do objeto se justifica pelo fato da narrativa de Donato contemplar o hibridismo presente na fronteira Brasil-Paraguai, que, como demonstraremos, contempla com eficácia não apenas a heterogeneidade presente nesta região, como também é um ótimo exemplo de como se dá um *encontro de culturas*.

Palavras-chave: Fronteira. Hibridismo. Heterogeneidade. *Selva Trágica*.

Abstract: This article aims to analyze the hybrid character of the narrative *Selva Trágica* ([1956] 2011), by the writer and historian Hernâni Donato. For this, we will use a theoretical framework that dialogues with the issues raised by our research object, in other words, a bibliography that contemplates the discussion about the *locus* described in the Donato's book, as well as its expressive border nature showed throughout its pages. We will demonstrate through examples extracted from the narrative how the linguistic mixture was composed of the junction between Portuguese, Spanish and also the Guarani that is present throughout the work. In this way, the choice of this object is justified by the fact that Donato's narrative contemplates the hybridism present in the Brazil-Paraguay border, which, as we will demonstrate, effectively contemplates not only the heterogeneity present in this region, but is also a good example of the way that happens a *meeting of cultures*.

Keywords: Border. Hybridism. Heterogeneity. *Selva Trágica*.

A partir da interdependência entre colonizador e colonizado e da impossibilidade da pureza hierárquica das culturas, Bhabha afirma que os sistemas culturais são constituídos num espaço chamado “terceiro espaço da enunciação” (1998, p.37), um espaço ambivalente e contraditório, de onde emerge a identidade cultural. Consequentemente, o hibridismo é o lugar onde se realiza a diferença cultural. (BONNICI, 2005, p.30)

Introdução

As palavras de Thomas Bonnici (2005), as quais são utilizadas como epígrafe para iniciar este artigo, extraídas de seu livro *Conceitos-chave da teoria pós colonial*¹ norteiam a discussão que se dá em torno de um *encontro de culturas*², e também das etapas iniciais para a formação de uma cultura híbrida. Consequentemente, esta definição do termo hibridismo também nos serve de suporte para a proposta de análise da narrativa de *Selva Trágica* de Hernâni Donato sob este viés teórico.

O *locus* descrito nas páginas da obra de Donato está situado em uma região fronteira, mais especificamente entre dois países latino-americanos, que são o Brasil e o Paraguai. Este fator, por si só, já demandaria uma série de estudos acerca desta região, tendo em vista que os ervais descritos na narrativa localizavam-se entre o sul do antigo estado brasileiro do Mato Grosso³, e o leste de nosso país vizinho, o Paraguai.

O crítico Silviano Santiago (1978), em seu eloquente ensaio intitulado “O entre-lugar do discurso latino-americano”, denomina como “entre-lugar” estes espaços onde se dão as trocas entre culturas. Ocorrendo assim, através destes contatos entre diferentes, a composição de algo novo e totalmente heterogêneo, o qual demanda conceitos teóricos e críticos específicos para sua compreensão. E nesta mesma esteira de pensamento somos obrigados a concordar com a afirmação de Stuart Hall, de que “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (HALL, 2006, p.13), ou seja, é praticamente impossível falarmos em algo pronto e definido, principalmente quando nos deparamos com um contexto tão plural como o descrito em *Selva Trágica*.

Ainda retomando as palavras de Silviano Santiago que, ao discutir sobre hibridismo latino-americano no ensaio acima citado, afirma que:

A maior contribuição da América Latina para a cultura ocidental vem da destruição sistemática dos conceitos de *unicidade* e de *pureza*: estes dois conceitos perdem o contorno exato do seu significado, perdem seu peso esmagador, seu sinal de superioridade cultural, à medida que o trabalho de contaminação dos latino-americanos se afirma, se mostra mais e mais eficaz. (SANTIAGO, 1978, p. 16).

¹ Cf.: BONNICI, Thomas. *Conceitos-chave da teoria pós-colonial*. Maringá, PR: Eduem, 2005.

² Cf.: SAGUIER, Rubén Bareiro. *Encontro de culturas*. In: MORENO, César Fernández (Coord.). *América latina em sua literatura*. São Paulo: Perspectiva, 1979. p. 3-24.

³ A fronteira descrita na primeira edição de *Selva Trágica* (1956) era entre Paraguai e o estado de Mato Grosso, no entanto, por se tratar da região sul do estado que passou por divisão no ano de 1977, essa região hoje é situada no estado de Mato Grosso do Sul.

Santiago, através de seus estudos sobre a heterogeneidade latino-americana, nos dá suporte também para refletirmos acerca de nossa fronteira como objeto de discussão, pois é inegável o fato de que esta se encaixa perfeitamente na elaboração crítica do autor, na qual observamos que, da mesma forma que ocorre na América Latina, os conceitos de unicidade e pureza quando imersos nesta região fronteiriça de contaminação cultural predominante e ininterrupta, igualmente perdem os seus significados originais, ou seja, é praticamente impossível valer-se deles em um contexto tão híbrido como estes acima citados.

Acerca do termo hibridismo, acreditamos ser também indispensável trazer à discussão que este conceito, fruto de relações/contatos entre diferentes, não se dá apenas de forma amistosa, na verdade são raras as vezes em que isto ocorre. O conceito de hibridismo tratado pela crítica literária é bem mais abrangente, e está na maioria das vezes referindo-se às relações de poder entre colonizador e colonizado, ou seja, dialoga preferencialmente com o cruzamento de forças e seus desdobramentos na vida dos indivíduos. Nas palavras de Leoné Astride Barzotto:

O termo híbrido é altamente criticado quando remete somente às trocas culturais, pois é muito mais que isso diante das relações de poder e desigualdades a que se refere, [...]. O hibridismo implica ainda assimilação, resistência e transformação de ambos os lados: é um constante processo de engajamento, contestação, apropriação e mudanças. (BARZOTTO, 2011, p. 59-60).

Assim sendo, fica clara a abrangência da discussão acerca do conceito, o porquê deste termo contar com uma vasta bibliografia escrita por renomados teóricos da literatura, os quais veem na América Latina um rico espaço de discussão, seja por conta desta identidade heterogênea, e também por uma literatura que se vê ainda em *débito* com a descrição de sua realidade. É inegável a necessidade de a América Latina compor seu próprio campo teórico que dê conta de suas especificidades, ou seja, produzir teorias capazes de não apenas dialogar com seu contexto, mas também com aquilo que já foi feito sobre ela.

A teoria e a crítica latino-americanas têm cada vez mais auxiliado na tentativa de se compreender a América Latina, como também, na forma de trabalho dos autores engajados em descrever essa realidade múltipla da forma mais autêntica possível. É crescente o número de ensaios e obras comprometidas com este *locus* de enunciação, os quais reafirmam a todo momento um pensamento pós-colonial. Esta literatura pode ser lida como resposta a um grande período de colonização, e, segundo os críticos Barros & Fleck (2010), é dirigida:

[...] principalmente a pessoas que estão conscientes da necessidade de revidar à realidade de exclusão à qual todos nós da América Latina fomos

submetidos, cuja abordagem alternativa [...] envolve um constante questionamento sobre as relações entre cultura e imperialismo [...], e na qual a preocupação deve girar em torno da criação de um contexto favorável aos marginalizados e oprimidos, para a recuperação da sua história, da sua voz. (BARROS; FLECK, 2010, p. 85)

Barzotto afirma ainda que “cabe à literatura, dentre as mais amplas manifestações artísticas, melhor expor este caráter de denúncia que forma a realidade culturalmente conflituosa de uma ex-colônia e seus membros” (2011, p. 19). Assim sendo, poderemos notar em *Selva Trágica* o compromisso de seu autor em mostrar esta realidade na qual estavam imersos seus “personagens”. Podemos, assim, identificar nas palavras do crítico literário Fábio Lucas prefaciando a edição de 2011 da obra, este tom permanente de denúncia do ambiente formado por exploradores e explorados, onde lemos que:

Os ervateiros trabalham desde as três horas da madrugada até a tardinha. Transportam, diariamente, um fardo de erva de vinte arrobas, preso à testa, aos ombros e ao peito. Se tropeçam (não podem olhar para o chão), a morte é instantânea, pois a coluna vertebral se parte. Para mantê-los indefinidamente no emprego, a Companhia força-os a gastar o que ganham, prolongando, assim, o contrato dos empregados perdulários (todos o são: descarregam as semanas de tensão sem pensar duas vezes).

As mulheres pertencem a seus maridos até onde o permita a Companhia. Os capatazes podem dispor delas à vontade. São coisa, servem até para pagar dívidas. São negociáveis. (DONATO, 2011, p. 8-9).

O caráter de denúncia dos relatos colhidos nas *obragens*⁴, na qual a erva-mate era extraída, compõe o cenário das *trágicas* histórias de trabalhos escravos, as quais também são frutos deste híbrido encontro entre colonizador e colonizado, e que de certo modo estão presentes em grande parte da narrativa de Donato.

Por sua localização geográfica fronteiriça, e também, é claro, pelas *falsas* promessas de riqueza, a companhia argentina Matte Laranjeira, que era a única empresa que tinha concessão do governo brasileiro para a extração legal da erva-mate, atraía tanto brasileiros como paraguaios para trabalhar em seus ervais, compondo assim um rico espaço de trocas entre culturas, o qual também é descrito em *Selva Trágica*, e evidenciado pela opção do autor em manter as palavras dos diálogos em sua língua materna.

A obra e seu autor

A obra *Selva Trágica*, escrita por Hernâni Donato, é reconhecida como um representativo romance do período conhecido como ciclo da Erva Mate, que compreende um movimento econômico inaugural do empreendedorismo

⁴ De acordo com a pesquisadora Cecília Zokner (1990, p. 103) *obragem* é um local específico de mata subtropical para a extração da erva-mate ou de madeira.

na região sul do então estado de Mato Grosso, hoje Mato Grosso do Sul. Traduz-se no mais forte relato de denúncia desse movimento que teve início por volta de 1882, sendo um dos seus principais nomes Thomaz Laranjeira.

Nesta narrativa, lê-se o relato que retrata as primeiras décadas do século XX, narrando sob a perspectiva dos subalternos a saga dos trabalhadores dos ervais sul-mato-grossenses, na fronteira Brasil-Paraguai. Em outras palavras, como afirma o próprio Donato, *Selva Trágica* mostra uma realidade extremamente trágica, sobretudo “sob o ângulo dos que a suportaram mais rudemente: mineiros, changa-y, marginais, pequenos funcionários” (DONATO, 2011, p. 14), subalternos que viviam às margens, que não eram vistos e nem seus gemidos ouvidos, não havendo, assim, quem os socorresse. Para o professor e também historiador Jérri Marin,

Donato aproxima a escrita literária da histórica, ao escrever inspirado em fatos reais e dramatizar em cima deles. Na construção literária, ele se preocupa em criar um olhar coerente sobre os contextos históricos e sobre as sociedades descritas”. (MARIN, 2013, p. 137).

Ou também nas próprias palavras do autor, nas quais afirma, no prefácio da mais recente edição de sua obra, que sua escrita não é:

Nem ataque nem defesa do acontecido nas regiões ervateiras durante os anos áureos da extração da erva. Relato da vida e do trabalho sob o ângulo dos que suportaram mais rudemente: mineiros, changa-y, marginais, pequenos funcionários. Bem por isso o personagem principal é a erva. E personagens secundários são a terra, o tempo, o sonho. (DONATO, 2011, p. 13).

A primeira edição da obra *Selva Trágica* de Hernâni Donato foi lançada no ano de 1956⁵ e, desde então, é considerada uma das mais representativas dentre as que retratam a literatura brasileira regional, em especial a sul-mato-grossense. A obra tem como temática fundamental a vida na selva e as tragédias daí decorrentes, envolvendo homens inominados, seres sem identidades, enterrados na selva verde dos ervais no extremo sul do estado de Mato Grosso do Sul, associado ao caráter documental que revela o olhar preocupado do escritor/romancista com as questões sociais.

Além de escritor, Donato foi também historiador e jornalista, produzindo ainda uma vasta lista de obras, as quais se somam a estes adjetivos. Hernâni Donato ocupou a cadeira de Nº 1 da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras. Conquistou, também, desde 1972 até o ano de sua recente morte⁶ (2012), a cadeira de Nº 20 da Academia Paulista de Letras.

Donato produziu obras infantis e juvenis e biografias como a de José de Alencar e Casimiro de Abreu, dentre outros. Escreveu vários contos, livros, e roteiros para o cinema, sendo detentor de vários prêmios por sua expressiva produção escrita.

⁵ Neste mesmo ano também foram lançadas as obras: *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa e *O Tronco* de Bernardo Élis, expressivos romances da Literatura Brasileira.

⁶ O falecimento de Hernâni Donato, em novembro de 2012, coincidiu com o mês de relançamento, em 2011, da mais recente edição de *Selva Trágica*, a obra que o imortalizou.

Torna-se necessário lembrar o falecimento de Hernâni Donato, no ano de 2012, que, malgrado o fato, sua morte coincidiu com o relançamento, em 2011, da reedição de *Selva Trágica*, a obra que o imortalizou, hoje em primorosa reedição. Desta edição, destacam-se as palavras de Nicodemos Sena, em Nota do Editor, acrescidas como “posfácio” ao diferenciado volume, cuja capa traz o título em letras vermelhas sobre um sugestivo fundo escuro:

A crítica foi unânime em considerar *Selva Trágica* um alto momento da ficção brasileira; um livro capaz de colocar seu autor entre os maiores escritores do Brasil. “Romance másculo, forte, bárbaro, como bárbara era a selva, como bárbaro era o trabalho nos ervais. É esse de Hernâni Donato” (Temístocles Linhares, no livro *História Econômica do Mate*, José Olympio Editor, RJ, 1960). “*Selva Trágica* é uma história como nunca foi escrita em nossa terra” (Arthur Neves, in Revista Anhembi, SP, 1961). “Documento eloquente, de notáveis revelações, de alto poder comunicativo, obra de grande valor estilístico. [...] Em suma: constitui um dos mais altos momentos da novelística de conteúdo social no Brasil” (Fábio Lucas, in *O Caráter Social da Literatura Brasileira*, Ed. Paz e Terra, RJ, 1970, Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro).

Alguns críticos, como Abdias Lima (“Correio do Ceará”, 2/2/1977, Fortaleza, CE), aproximaram Hernâni Donato de Erskine Caldwell e John Steinbeck, a geração norte-americana da revolta, o Caldwell de *Chão Trágico* e o Steinbeck de *As Vinhas da Ira*.

Por seu poder comunicativo e eloquência como documento, *Selva Trágica* é um dos livros **que melhor representam o caráter social da literatura brasileira**. Taubaté, 30 de julho de 2011. (SENA apud DONATO, 2011, p. 285-287).

Sublinha-se que, ao ser lançada em 1956, a obra de Donato saiu publicada no mesmo ano em que, como observa a crítica Nelly Novaes Coelho, “explodia a nova alquimia linguística do rosiano *Grande sertão: veredas*” (apud DONATO, 2011) – aspecto esse que, por si só, já demandaria uma reflexão mais aprofundada acerca da fortuna crítica dos dois escritores brasileiros, e principalmente do reconhecido “ocultamento” historiográfico que envolveu *Selva Trágica* nestes longos anos. Caracterizado como um romance de fundas raízes históricas, *Selva Trágica* é fruto das pesquisas e reflexões do Donato “historiador”, trazendo às claras e eternizando em sua obra um escuro período de exploração humana na região sul do estado. De acordo ainda com a professora Nelly Novaes Coelho, que escreve na “Aba” do livro, Donato fora

Tocado pelas novas diretrizes da criação literária e obedecendo à natureza complexa da matéria humana/histórica visada, Donato cria o mundo de *Selva Trágica*, expressando-o através de uma complexa linguagem narrativa – verdadeiro amálgama da *língua portuguesa* com o *linguajar*

guarani, então falado na região. (Daí a necessidade das Notas de Rodapé). (COELHO *apud* DONATO, 2011, p. 1).

Enfim, é inegável a importância de Hernâni Donato para um valioso registro do Ciclo da Erva Mate no estado do Mato Grosso do Sul. Com sua visão tanto de romancista, como também de historiador, Donato reúne nesta obra relatos históricos de suas próprias pesquisas, mesclando-os magistralmente, com sua experiência de escritor, às personagens de seu romance.

Trágicos hibridismos

[...] Na trajetória da linguagem mestiça, híbrida, mulata, atravessada, baixa, *corrompida* para voltar a obter sua pureza original, sua força comunicativa, pode-se ver o resultado do cadinho cultural que é a América Latina. Disto sua literatura é um testemunho que faz fé. (SAGUIER, 1979, p. 15).

Indo ao encontro das palavras de Rubén Saguier está a narrativa de *Selva Trágica*, na qual notamos, desde suas primeiras páginas, a linguagem heterogênea falada nos ervais. Notamos a manutenção de palavras no idioma guarani por parte dos trabalhadores paraguaios dos ervais, o que denuncia um comportamento de rejeição ante a aprendizagem do idioma do dominador, ou seja, daqueles que detinham a autorização para explorar os ervais, e que conseqüentemente exploravam os seres humanos que estavam sob o domínio da companhia na condição de empregados.

Observamos, ao longo da narrativa, o esforço de Hernâni Donato em descrever esta realidade plural dos ervais. É imprescindível chamar a atenção para o cuidado do autor em manter as palavras em guarani, e sua tradução em inúmeras notas de rodapé para que o leitor tenha conhecimento dos termos, e, conseqüentemente, maior compreensão da narrativa. Podemos notar já na primeira página da narrativa a manutenção da palavra *carai*, a qual é traduzida e explicada pela nota de número dois como sendo: *Velho (tratamento respeitoso). Conselheiro*. Deste modo, o leitor iniciante e não conhecedor do idioma guarani pode, além da tradução do termo, também entender um pouco de sua carga semântica para a narrativa.

Na página de número vinte e sete de *Selva Trágica*, o leitor se depara com as palavras *tapê-haciendae tapê-poí*, a primeira sendo traduzida por caminho-mestre do erval, e a segunda por trilhos que cortam este caminho mestre em todas as direções. Para continuar a exemplificação, e demonstrar a dificuldade que o leitor encontraria sem as notas de rodapé, temos ainda na página vinte e nove a palavra *nhandu-puiçum*, a qual é traduzida pela nota de rodapé por *Dedo de ema*. Nome dado, por extensão, à bifurcação dos caminhos do erval. Poderíamos ainda trazer para este artigo incontáveis exemplos que fazem parte da narrativa, ou seja, palavras que são traduzidas

e explicadas pelas notas de rodapé editadas por seu autor, as quais servem para caracterizar a linguagem híbrida dos ervais.

Nas primeiras páginas da narrativa, além da constatação das palavras em guarani que fazem parte dos diálogos nos ervais, nos deparamos também com a denúncia da exploração dos trabalhadores, das condições trabalhistas análogas ao trabalho escravo. O autor descreve que “O dia do mineiro, peão cortador de erva, começa no meio da noite, às três e trinta. A mata, os bichos, os caminhos, as aves dormem ainda e o mineiro estremunha. Cansado da véspera e das muitas vésperas”. (DONATO, 2011, p. 27).

Fundamental ressaltar que o diálogo híbrido composto por palavras em português e guarani se dava entre os subalternos, ou seja, entre os peões da companhia, mineiros e mulheres, os quais eram vistos como “coisa” pelos administradores dos ervais. Os cargos de administrador, capataz e outros tidos como de “chefia” eram assegurados àqueles que vinham dos grandes centros urbanos já recrutados também pela empresa Matte Laranjeira, sendo muito bem instruídos sobre como deveriam ser tratados os funcionários/escravos da companhia.

Tendo em vista que os ervais eram explorados por uma empresa Argentina, sob a concessão do governo brasileiro, e que os trabalhadores subalternos dos ervais eram tanto paraguaios quanto brasileiros indo atrás de promessas de “falsas riquezas”, é inegável reconhecer que neste espaço se dava um expressivo encontro de culturas, o qual, trazido para a discussão sobre a heterogeneidade latino-americana, pode apontar para o fato de que “Não se trata de enaltecer ideologicamente os encontros culturais, tampouco anular os conflitos e choques que resultam das diferenças; mas, acima de tudo, de perceber o hibridismo que forma a nossa realidade e a força criativa que dele resulta.” (BARZOTTO, 2011, p. 50). Assim sendo, é notável o comportamento dos subalternos em manterem um vocabulário próprio nos ervais, o qual é repleto de termos em guarani, e que rejeitam deste modo a língua de seu opressor.

O choque entre culturas neste *locus* descrito por *Selva Trágica* faz com que os subalternos passem a ter uma nova identidade, esta vem a ser fruto deste contexto híbrido da selva no qual estão imersos, e do qual dificilmente sairão com vida. Podemos ainda constatar nas palavras de Nicodemos Sena, editor da obra de 2011, que afirma:

Selva Trágica [...], trata da situação dos trabalhadores da erva-mate na região da fronteira Brasil-Paraguai, reduzidos à condição análoga à de escravo, assunto até então não abordado na literatura brasileira, verdadeiro massacre de trabalhadores brasileiros no início do século 20. (SENA *apud* DONATO 2011, p. 285).

Assim, constatamos que o tom de denúncia deste contexto exploratório permeia toda a obra, como podemos notar tanto na narrativa, como

também em seu prefácio e nas palavras de seu mais recente editor. Vemos ainda o conceito hibridismo amplamente explorado, não apenas como uma mera troca entre culturas, mas, além disso, como um relato das relações de poder que faziam parte deste ambiente dos ervais.

Considerações finais

Para efeitos de conclusão é inegável o valor de *Selva Trágica* como grande representante deste espaço heterogêneo, híbrido e de ampla riqueza cultural. A obra de Donato traduz fielmente este contexto fronteiriço onde se situavam os ervais, dando ao mesmo tempo voz aos subalternos através de uma narrativa também de denúncia, resultante do lado historiador de Hernâni Donato, na qual, nas palavras do personagem Luisão, denuncia que:

- Uma luta deste porte não começou ontem nem pode acabar hoje. Durou tempo, engoliu muita gente, enriqueceu um pouco e desgraçou milhares. Começou com a regulamentação da poda, coisa que ninguém obedeceu. Agora, mandaram dizer que o Governo decretou a extinção do monopólio. [...] Não pensem que com isso – esse papel do Governo – os apuros se acabaram. O Governo está longe, tem a vista fraca demais para enxergar o que se passa no meio do mato. E a erva está no meio do mato. Não nos jardins do palácio do Governo. Agora vamos lutar contra outro tipo de poder: o dinheiro, a política, o suborno, a malícia. (DONATO, 2011, p. 250).

Vemos na narrativa uma discussão que infelizmente parece ser atual, pois alguns problemas denunciados, e que pareciam fazer parte apenas dos processos iniciais de colonização, ainda estão muito presentes, como corrupção política, relações de exploração pelos detentores do poder, suborno, entre outros.

Importante ainda é reconhecer a atenção que o autor deu para a linguagem fronteiriça, indispensável para recriar na mente do leitor o mundo dos ervais, e a vida escrava dos subalternos ali imersos sem esperança alguma de melhora. O autor não economiza adjetivos para retratar a exploração humana que ocorria na *selva*, sendo fiel aos drásticos relatos colhidos em sua pesquisa.

Donato faz ecoar em alto e bom som as vozes subalternas por décadas silenciadas por aqueles que detinham a autorização para a exploração dos ervais. Os exploradores tanto dos ervais, como daqueles homens e mulheres que lá trabalhavam, justificavam suas atrocidades acometidas pela busca do progresso, seja este do estado do Mato Grosso, como também, do país.

Podemos notar o hibridismo do qual se valeu o escritor para unir elementos e personagens ficcionais a relatos históricos. Entender como a obra de Donato ganha a classificação de romance histórico, ou seja, como esta correlaciona personagens reais como Getúlio Vargas, e fictícios como

Luisão, o qual faz uma crítica expressiva na obra ao governo vigente. *Selva Trágica* conta ainda com uma extensa fortuna crítica e constantes reedições, somadas a um filme homônimo lançado no ano de 1963, ou seja, apenas sete anos após a publicação da primeira edição.

Por fim, é necessário reconhecer que vários foram os estudiosos e escritores que reconheceram o papel relevante da obra de Donato, seja para a história regional sul-mato-grossense, seja para os estudos de interculturalidade e de fronteira, e para o sentido de sua atualidade contemporânea como relato ou denúncia das narrativas e das histórias locais, as quais redimensionam o papel da historiografia literária no subcontinente. Assim, Hernâni Donato, através de sua escrita, cumpre com êxito a tarefa inicialmente discutida, e que cabe ao intelectual latino-americano, mais especificamente ao fronteiriço, que resumidamente está no fato de conseguir ler, interpretar e descrever este *entre-lugar* motivado por seu compromisso com o local.

Referências

DONATO, Hernâni. **Selva trágica**: agestaervateiranosulestematogrossense. São Paulo: Autores Reunidos, 1956. 232p.

_____. **Selva trágica**. Taubaté; SP: LetraSelvagem, 2011, 288p.

BARROS, Luzinete Guimarães; FLECK, Gilmei F. Discurso histórico e literário na produção de Augusto Roa Bastos. In: FLECK, Gilmei F.; ALVES, L. Kaminski. (Orgs.). **Ficção, história e memória na América Latina**: leituras e práticas. Cascavel/PR: EDUNIOESTE, 2010. p. 83-98.

BARZOTTO, Leoné Astride. **Interfaces culturais**: theventriiloquist`s tale & Macunaíma. Dourados: Ed. UFGD, 2011.

BONNICI, Thomas. **Conceitos-chave da teoria pós-colonial**. Maringá/PR: Eduem, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 11. ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LUCAS, Fábio. Na selva *selvaggia* da criação. Prefácio. In: DONATO, Hernâni. **Selva trágica**. Taubaté: LetraSelvagem, 2011, p. 7-10.

MARIN, Jérri. Hernâni Donato: um autor multifacetado e inclassificável. In: SANTOS PINHEIRO, Alexandra; BUNGART NETO, Paulo. (Orgs.). **Ervais, pantanais e guavirais**: cultura e literatura no Mato Grosso do Sul. Dourados: Ed. UFGD, 2013.

SAGUIER, Rubén Bareiro. Encontro de culturas. In: MORENO, César Fernández (Coord.). **América latina em sua literatura**. São Paulo: Perspectiva, 1979. p. 3-24.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: **Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

SENA, Nicodemos. Hernâni Donato e sua obra. In: DONATO, H. Posfácio. **Selva Trágica**. Taubaté; SP: LetraSelvagem, 2011. p. 285-287.

SOARES Jr, Avelino R.; SANTOS, Paulo S. Nolasco. O Drama dos ervais em Selva Trágica de Hernâni Donato. In: COLÓQUIO DO NECC - CULTURA CONTEMPORÂNEA, LINGUAGENS, IMAGENS E PAISAGENS, 3, 2014, Campo Grande. **Anais...** Campo Grande: Editora UFMS, v. 1., p. 1-14, 2014. 1 CD-Rom.

ZOKNER, Cecília T. de Oliveira. **Para uma crítica latino-americana**. Curitiba: Scientia et Labor, 1990.

Recebido em maio/2016.

Aceito em dezembro/2016.